

Portugal assinala em 2015 duas décadas de exploração do potencial eólico

Texto_Ana Clara
Fotos_Windup e José Alex Gandum

Em 2015, o nosso país assinala 20 anos do início da exploração do potencial eólico para produção de energia eléctrica. Duas décadas depois fomos perceber para onde caminha este tipo de energia. António Sá da Costa, Presidente da Direcção da APREN – Associação Portuguesa das Energias Renováveis e Luís Marinho, CEO da empresa WindUp, fazem a'O Instalador a radiografia do eólico em Portugal e analisam o seu futuro no contexto das energias renováveis.



Luís Marinho, CEO da empresa WindUp, fala da 'Energia Eólica em Portugal' do ponto de vista da evolução e do panorama actual. O responsável começa por referir que se completam, em 2015, «20 anos sobre o início da exploração do potencial eólico para produção de energia eléctrica em Portugal».

De facto, recorda, «existiam já alguns parques eólicos em exploração em Sines, na Madeira e nos Açores, mas foi em 1994 e 1995 que se iniciou a procura sistemática de locais potencialmente interessantes e os estudos e desenvolvimento dos projectos a implementar».

Nessa altura, «o tema despertou o interesse da EDP e de empresas produtoras independentes de energia eléctrica, na sua maioria já activas no sector dos pequenos aproveitamentos hídricos». «Rapidamente, começaram a aparecer, também, empresas estrangeiras que se dedicavam ao desenvolvimento desse tipo de projectos, em particular na Alemanha e Espanha, dois dos principais mercados Europeus da energia eólica», relembra.

Esse interesse, salienta Luís Marinho, dinamizou novos tipos de actividades, na engenharia (avaliação de recursos eólicos, projecto, estudos de impacto ambiental), na venda e instalação de equipamentos de medição. «Numa fase posterior, a implementação dos projectos necessitou, também, de serviços jurídicos e financeiros especializados, bem como de competências específicas ao nível da construção», afirma o CEO da WindUp.

Luís Marinho refere que o campo da investigação em universidades e institutos de I&D, e posteriormente, nas próprias empresas, sempre ao nível das melhores



práticas internacionais, «permitiu também que se desenvolvessem produtos, serviços e competências de alto valor acrescentado».

Já no século XXI, «a criação de *clusters* industriais de fabrico de aerogeradores e componentes permitiu elevar para outra dimensão a criação de emprego associado à energia eólica, bem como o volume de exportações daí resultantes».

O responsável lembra que até 2014 foram instalados perto de 5000 MW de potência eólica em Portugal, correspondendo a mais de 2500 aerogeradores em parques eólicos espalhados por praticamente todos os distritos de Portugal.

«Entre os principais promotores e operadores de parques eólicos estão empresas portuguesas e europeias, sem que exista uma elevada concentração de projectos em nenhuma delas», vinca.

Já no que se refere aos fabricantes de aerogeradores, «a Enercon, por força das características do concurso de que resultou a criação do *cluster* industrial, possui uma quota de mercado superior a 50%. De qualquer forma, a maior parte dos grandes fabricantes mundiais têm uma presença expressiva no mercado português».

Das licenças já atribuídas, «faltam ainda concluir projectos que resultarão na instalação de algumas centenas de MW nos próximos anos». Contudo, recorda, «não são concedidas novas licenças há alguns anos e, adicionalmente, não está prevista nenhuma nova atribuição de potência para os tempos mais próximos».

Luís Marinho assegura que «os projectos já em funcionamento, e em desenvolvimento, asseguram que Portugal cumprirá tranquilamente» as metas com que se comprometeu para 2020, no âmbito da Directiva Europeia das Energias Renováveis.

Internacionalização e exportação

Contudo, «os recentes anos de estagnação económica levaram a uma consequente estabilização dos consumos de electricidade, de que resulta uma menor necessidade de implementação de novos centros electroprodutores». Por outro lado, acrescenta, «subsiste ainda alguma incerteza, a nível europeu, em relação ao quadro legal de objectivos para as energias renováveis nos países da União Europeia».





Luís Marinho, CEO da WindUp

WindUp

É neste quadro, relembra Luís Marinho, que se insere a WindUp, criada em 1997, tendo inicialmente como actividade principal a consultadoria financeira e o desenvolvimento de conteúdos multimédia, assumindo no entanto uma forte ligação ao sector das energias renováveis, que se foi consolidando no decorrer dos últimos anos.

«A WindUp tem actualmente como *core business* a promoção e comercialização de equipamentos para monitorização de recursos sustentáveis e produção de energia eólica», adianta o CEO da empresa.

Actualmente, a WindUp detém no seu *portfolio* a representação em Portugal de «prestigiados fabricantes com a Ammonit Measurement, Avent Lidar Technology, Endurance WindPower, Evance Wind Turbines, Leosphere, entre outros».

Com uma intensa actividade em Portugal, com mais de 350 instalações efectuadas, a WindUp tem já uma significativa actividade internacional, destacando-se intervenções em países como a Venezuela, África do Sul, Espanha, Sérvia, e nos PALOP (Angola, Moçambique e Cabo Verde). Reconhecendo a importância de procurar novos mercados, a WindUp tem procurado activamente oportunidades em outros mercados, com destaque para a Turquia.

«Acreditando também no valor das parcerias para competir num mercado global, a WindUp tem procurado juntar esforços com parceiros portugueses e internacionais, com o objectivo de ganhar dimensão e competências, procurando aumentar as possibilidades em projectos de grande dimensão e requerendo, muitas vezes, um leque diversificado de serviços e produtos», sublinha Luís Marinho.

Como exemplo, salienta a parceria com a MEGAJOULE, empresa portuguesa de consultoria especializada na avaliação de recursos eólicos e solares, com presença em mercados como o Brasil, Polónia, Croácia, Turquia e mais recentemente a Índia, «procurando juntar esforços para a exploração de novos mercados e aproveitar a complementaridade entre os produtos oferecidos pela WindUp e os serviços da MEGAJOULE».

«Assim, não são de esperar grandes desenvolvimentos ao nível de novos projectos eólicos. É considerado, em Portugal e Espanha, que um substancial aumento da potência eólica instalada na Península Ibérica terá que estar associado a um aumento considerável da capacidade de interligação entre a península e a Europa Central, por forma a permitir a exportação de energia eléctrica nos períodos em que coexista uma grande disponibilidade de potência eólica e um baixo nível de consumo eléctrico, permitindo assim uma melhor gestão do sistema eléctrico europeu», explica Luís Marinho.

Como consequência da diminuição da actividade no mercado nacional, «muitas empresas têm-se virado para a internacionalização e exportação, como forma de crescer ou manter a sua actividade. Esta tendência para a procura de novos mercados tem sido notória ao

nível dos promotores de projectos, das empresas de engenharia prestadoras de serviços, das empresas de construção, dos equipamentos, em geral de todos os elementos da cadeia de valor», refere.

O responsável vinca que «as competências existentes em Portugal, adquiridas ao longo dos anos de desenvolvimento bem-sucedido da energia eólica, fazem com que exista, nos vários actores do mercado, um *know-how* muito relevante capaz de ser “exportado”, numa altura em que o desenvolvimento mundial da energia eólica se vira cada vez mais para novos mercados, cada vez mais dispersos por diferentes regiões do mundo».

Assim, e «dada a dimensão típica das empresas portuguesas, a capacidade de estabelecimento de parcerias, entre empresas portuguesas ou com parceiros locais, será um factor crítico para o sucesso num mercado cada vez mais competitivo».